

A escritura de Michel Leiris como uma interrogação sobre as formulações da letra em Jacques Lacan: escrita e “lalíngua”

Marcelo Matta de Castro

Resumo

A obra escrita de Michel Leiris apresenta uma importante interrogação a alguns conceitos da clínica lacaniana. O conceito de letra e posteriormente a noção de “lalíngua” são abordados neste artigo a partir das questões suscitadas pela escritura leirissiana, que é composta por um intenso jogo com as palavras, produzindo uma profunda perturbação da linguagem lexilizada.

Palavras-Chave

Escritura – Escrita – Letra – “Lalíngua” – Gozo

O trabalho que apresento neste momento reúne dois nomes próprios em um terreno profundamente impróprio. Os nomes de Jacques Lacan e de Michel Leiris marcaram decisivamente o século XX nos campos respectivos da psicanálise e da literatura. Ambos trabalharam nesse território profundamente impróprio da escrita. Em Lacan a escrita advém do referencial clínico, em Leiris a escrita é do campo da literatura. O que proponho, a partir de agora, é investigar – nesse campo tão impróprio da relação entre psicanálise e literatura – o terreno movediço em que a escrita se inscreve.

O nome do escritor Michel Leiris está intrinsecamente associado ao movimento surrealista francês. Junto com escritores do porte de André Breton, Georges Bataille e Robert Desnos, Leiris fez parte dessa vanguarda artística do continente europeu. Se no seu estilo de escrita encontramos presentes os traços que fizeram a glória do surrealismo, tais como a escrita automática, a predileção pelas palavras

em sua inutilidade sonora, o desprezo pelo sentido etimológico e pelos dicionários, se todos estes elementos são reconhecíveis e identificáveis na escritura leirissiana, sustento que esta escritura é da ordem de uma singularidade que vai muito além de uma filiação a um movimento artístico de vanguarda. Os jogos com a linguagem tão presentes nesta escritura, o relato de sonhos e lapsos, a confissão, são métodos propostos por Leiris como uma forma de investigar o que ele designa como uma obscuridade em sua vida. Pesquisador metódico e escrupuloso, ele investiga através de sua escrita os momentos marcantes de sua vida com o objetivo de melhor viver diante do sentimento de infelicidade que o acompanha desde a sua mais tenra infância. Um escritor que situa sua escrita desta forma sugere um uso da mesma que vai muito além das inovações surrealistas. Se encontramos os ecos da escritura leirissiana nos escritos de Breton, tal como “*mots sans rires*”, que parece ser próximo da obra de Leiris, “*mot sans mémoire*”, em ambos os

casos, o objetivo é a decomposição das palavras na busca de um sentido novo, que antes de ser uma significação, é um exercício de tornar a palavra inútil para significar qualquer coisa. Porém, se o surrealismo aspira a uma escrita da subversão do sentido, encontramos em Leiris uma apropriação absolutamente singular da linguagem, que vai muito além da tarefa de transtornar o significado usual das palavras. É o que irei investigar a partir de agora, baseando-me nos pressupostos fundamentais da escritura leirissiana.

Como estabelecer os fundamentos de uma obra escrita tão vasta e heteróclita? Uma obra, em suma, que vai dos escritos científicos etnológicos aos ensaios e manifestos políticos, passando pelo romance e a poesia e desembocando finalmente na escrita autobiográfica? A tarefa de destacar os fundamentos de uma obra tão múltipla beira a impossibilidade. Entretanto, arrisco-me a sugerir um fundamento primordial da escritura leirissiana. Este fundamento é uma concepção particular da linguagem. Michel Leiris empreende com sua escrita uma noção de linguagem que é da ordem daquilo que designa o seu modo de gozar em relação à própria linguagem. É preciso, então, avaliar a escritura leirissiana segundo o princípio de que o gozo é o tecido mesmo da linguagem.

A linguagem operada pela escritura leirissiana não é mimética e muito menos hermenêutica. Não é uma linguagem que reproduz mimeticamente uma realidade dada de antemão. O estatuto da linguagem em Leiris não é interpretativo. A linguagem, nele, não é reveladora, não há uma descoberta derradeira a ser apresentada. O que a escritura leirissiana demonstra de modo preciso e rigoroso é uma linguagem tão particular que nela está presente o modo como ele goza no seu exercício com a palavra. Os jogos com a língua, os tropeços de linguagem, os sonhos, os atos falhos, as recordações de infância, antes de serem apenas um registro da his-

tória do sujeito, são o modo como Leiris goza de sua condição de sujeito subordinado à linguagem.

Numa entrevista concedida a Catherine Maubon em 1980 para o *IL Manifesto*, periódico italiano, Leiris indica várias vezes o seu método de escrita, que revela a forma singular como ele toma a linguagem como gozo. No início da entrevista, ao ser perguntado sobre sua relação com o surrealismo, ele admite que o surrealismo para ele foi uma “*revolta moral e uma forma de insurreição contra todas as formas de pai*” (LEIRIS, 1980). Mas observa-se, nessa entrevista, ao mesmo tempo um limite à experimentação surrealista: “*Simplemente, ao final de um certo tempo, compreendi que não seria a escrita automática que me levaria ao mais fundo de mim mesmo (...)*” (ibid, 1980). Percebe-se aí um afastamento decisivo em relação ao surrealismo e, ao mesmo tempo, a invenção de um estilo próprio de escrita. É o que observamos quando Leiris fala da passagem que faz do livro *A Idade Viril* ao primeiro volume da regra do jogo, *Biffures*, no qual se pode observar essa passagem do surrealismo a uma escrita que é efeito do gozo presente na linguagem e que apresentarei mais adiante.

A Idade Viril, seu primeiro livro autobiográfico, é ainda escrito segundo alguns princípios surrealistas, tais como a escrita automática, o relato de sonhos, a confissão como modo de libertação de suas inibições. Mas já nesse livro podem-se observar traços da relação singular que Leiris estabelece com a linguagem. O seu método de apreensão da linguagem é o “*choque verbal*”, que consiste “*em escrever numa folha de papel todos os sentidos das palavras que ressoam algo de fundamental em mim*”. Trata-se de um exercício de agrupamento das palavras não pelo sentido, mas sim por sua ressonância. O objetivo é entrar em contato com o absoluto: “*Eu acredito que por meio das palavras é possível detectar as idéias, e que assim se podia, de*

choque verbal inesperado em choque verbal inesperado, cercar aos poucos o absoluto...” (LEIRIS, 1939:169). A temática da morte presente nesse livro e recorrente na obra leirissiana aparece como o absoluto numa perspectiva metafísica transcendental cara a Michel Leiris. Daí o prefácio de *A Idade Viril* ser um elogio da literatura como tauromaquia, uma vez que a escrita é como a capa do toureiro que enfrenta, protegendo e desnudando, o risco de morte dos chifres do touro – verdadeira condição humana de todo ser falante imerso na mortificação operada em sua entrada na linguagem, pois a palavra é a morte da coisa.

A escritura leirissiana é um esforço inaudito para que a linguagem dê conta da morte. A tarefa de sua escrita autobiográfica é narrar a experiência capital da morte, com o objetivo de domá-la. Em última instância, a escritura de Michel Leiris é a tentativa de tampar um buraco, o da angústia da morte, ou seja, a escrita é a tentativa de preencher um vazio ou, ao menos, de situar o lugar onde se abre o incomensurável abismo da morte. Pode-se, num certo sentido, aproximar a linguagem com a morte em Michel Leiris.

Com o advento da regra do jogo, observa-se uma diferenciação com relação a *A Idade Viril*. Quanto ao método, “*o choque verbal torna-se outra coisa: é o entrar em contato com fatos pessoais distintos reagrupados em fichas e descobrir suas relações*” (LEIRIS, 1980). Trata-se, a partir principalmente de *Biffures*, de “justapor coisas reais e coisas languageiras” (ibid,1980). Percebe-se portanto, com a regra do jogo, não mais a presença da confissão como cura e sim entrar em contato com os fatos reais da vida pelo jogo com a linguagem. Nesse sentido, o primeiro volume da regra do jogo, ao referir-se à infância, não é um livro de reminiscências. Leiris não é um memorialista. As lembranças de infância nesse livro atendem antes de mais nada a uma invenção desse período da vida de

Michel Leiris. O que se percebe no primeiro capítulo de *Biffures* (LEIRIS, 1946) é uma invenção da infância a partir do equívoco entre o *reusement-heureusement*, ou seja, o relato desta cena não é uma descrição de um acontecimento retido na memória, mas sim a possibilidade impossível de escrever uma cena onde nada mais há que um furo, um buraco que aspira toda possibilidade de sustentação do sujeito. Lugar-tenente do trauma, em que a única resposta que cabe ao sujeito Leiris é escrever para dar conta deste trauma da língua pelo sentido. Por isso que sua escritura é a derrocada da linguagem lexilizada, pois é a única forma de dar conta desse furo irremediável de sua vida. Portanto, a escritura em Leiris é efeito de uma concepção da linguagem onde há litoral entre saber e gozo. Ao mesmo tempo, a escrita é um meio de saber, pois o coloca em contato com o que há de mais essencial em sua vida e é um modo de gozo no qual os mecanismos de tratamento da linguagem – desmembramento, criação de um glossário particular, assonância da palavra – são por assim dizer a sua forma de gozar na linguagem. O recurso escritural em Leiris, por estas razões, é o que possibilita sua sustentação como sujeito na linguagem, pois sua satisfação pulsional encontra-se exatamente em transtornar a linguagem pela escrita: “(...) encontrava no manejo da linguagem um certo prazer sensual – apreciando o peso e o sabor das palavras, fazendo-as fundirem-se em minha boca como frutos – e esse prazer prevalecia, na ordem de minhas preocupações, sobre os gozos propriamente eróticos” (LEIRIS, 1939:171). A escritura leirissiana é o modo radical de fazer valer a tese lacaniana de que o escrito é o gozo, bem como uma maneira de se atestar que o sujeito se satisfaz na linguagem pela referência à fala e a escrita.

O campo da escrita é essencial para a psicanálise. Já em Freud pode-se observar um interesse constante pela escrita. O

modelo do *rébus* no sonho é uma possibilidade de leitura do pictórico traduzido em letras e sílabas, o que permite a apreensão do sonho como um texto escrito. O modelo da Carta 52 a Fliess, com suas inscrições, traduções, falhas na tradução, registros, é um modelo escritural. É com Jacques Lacan que observaremos no prosseguimento de sua obra uma promoção do escrito. A partir dos anos 70 principalmente, Lacan se dedicará à temática da escrita em seu seminário. O ideograma chinês, o texto literário de James Joyce, a retomada de “A carta roubada” de Edgar Allan Poe são indicativos de sua preocupação com o campo da escrita. São constituintes deste campo o traço e a letra. Inclusive é na distinção entre traço e letra que reside o essencial da polêmica, dessa época, entre Lacan e o filósofo Jacques Derrida.

Os textos de Derrida enfatizam uma preocupação crescente com relação ao termo freudiano *Spur*, traduzido por “traço”, “rastro”, e que Derrida remonta ao “Projeto de Freud” (FREUD, 1895b), onde localiza no traço freudiano a base do conceito fundamental derridiano de escrita. Derrida centra-se no conceito de traço para marcá-lo como diferença, ou seja, o traço marca uma diferença originária, fundamental na constituição do conceito de escrita. Essa leitura de Derrida concentra-se principalmente no seu texto, “Freud e a cena da escritura” (DERRIDA, 1966/2002), que incide principalmente num rastreamento da noção de traço presente nos textos freudianos, tais como o “Projeto”, a “Carta 52” (FREUD, 1895a) e o bloco mágico. O que, porém, escapa à leitura derridiana de Freud é a noção de letra. A letra encontra-se ausente no seu texto. Se a questão da letra lhe escapa, talvez seja porque a questão do gozo sempre tenha escapado às construções de Derrida. Por isso que observamos a prevalência do traço em Derrida como forma de recalcar a dimensão de gozo presente na letra.

Por outro lado, percebe-se uma ênfase no ensino de Lacan com relação à dimensão de gozo que a letra traz. O caminho da letra em relação ao gozo pode ser realizado da seguinte maneira: na “Instância da letra” ele marca a barra, depois em “Radiofonia”, a dimensão de gozo na letra e depois com a noção de lalíngua marca o campo do Outro a partir da letra e do gozo. Não há uma antinomia radical entre letra e traço, porém a noção de rastro mostra-se insuficiente para pensar o campo do Outro e o gozo advindo deste campo.

O Seminário XX, *Mais, Ainda – Encore, em corps* (seria este um choque verbal lacaniano?) – é uma resposta de Lacan às críticas de dois alunos de Derrida, Nancy e Lacoue-Labarthe, que em seu livro *O título da letra*, fazem uma crítica severa ao significante lacaniano. Para eles, o significante em Lacan é “uma maquinaria formal” que desconhece o lado econômico e o afeto. A última lição do Seminário XX (LACAN, 1972/1973), portanto, é uma resposta a Derrida e seus alunos, na medida em que, com o termo lalíngua, Lacan indica uma propriedade do significante em afetar o corpo sob a forma de lalíngua, rompendo assim com Saussure e sua concepção da linguagem como ciência. Esta crítica força Lacan a dizer que o seu significante não é do campo da lingüística, não há ciência do significante, há lalíngua.

Penso que esta polêmica não é apenas uma dissensão de grupelhos franceses. A crítica de Derrida é fundamentada e produz efeitos em Lacan, que atingem até a transmissão de seus conceitos. A crítica derridiana permite a apuração de conceitos fundamentais do ensino lacaniano, tais como significante, letra, linguagem, lalíngua e escrita. O conceito de escrita em Lacan apura-se nesse momento e lalíngua aponta para uma abordagem menos estrutural da linguagem. É o que observamos, por exemplo, no Seminário XXIII, *Le Sinthome*, quando ao comentar

o fenômeno das palavras impostas, Lacan propõe uma concepção da linguagem como parasita, cancro e câncer. Curiosamente, pode-se observar em Freud, no seu artigo sobre as “Neuropsicoses de Defesa”, que é de 1894, uma formulação bem parecida com esta da linguagem como parasita. Ao discorrer sobre a conversão histérica, Freud propõe uma sobrecarga ao ego, causada por “um símbolo mnêmico” que se aloja na consciência “sob a forma de uma espécie de parasita”. Ou seja, encontra-se já neste momento da teoria freudiana a presença da linguagem como um parasita da consciência. Estes elementos da teoria aqui reunidos são essenciais para a clínica psicanalítica, pois uma concepção de linguagem que leve em conta a articulação entre significante e gozo produz ao mesmo tempo uma nova definição de palavra como *apparole*, isto é, um misto de palavra com aparelho de gozo.

O que todo este campo conceitual organiza é uma separação observada entre linguagem e lalíngua, sendo que a primeira está ligada aos efeitos de sentido e a segunda aos afetos. O *sinthoma*, por exemplo, pode ser pensado a partir daí como um afeto conquanto ele seja irreduzível ao efeito de sentido. É este fato que permite a Lacan afirmar que o *sinthoma* de Joyce é inanalizável e rebelde ao efeito de sentido. A lalíngua é recebida e não apreendida, é aquilo que os parentes próximos repassam ao sujeito. Lalíngua é uma paixão, e o encontro entre lalíngua e corpo produz marcas, marcas no corpo.

Trago aqui essas mudanças de ordem conceitual com o objetivo de aproximar a escritura lacaniana da escritura leirissiana. Porém, aproximar não quer dizer que uma coisa seja a outra. A escritura leirissiana não é a escritura lacaniana. Aquilo que proponho neste trabalho são aproximações com o objetivo de pensar a relação íntima entre lalíngua, gozo e escrita. Michel Leiris escreve de modo rigoroso seu traumatismo ou, na terminologia lacania-

na, o seu *troumatisme*, ou seja, o seu trauma tragado por um buraco. Os avanços teóricos produzidos pelo ensino lacaniano nos permitem uma leitura do trauma de Leiris a partir do encontro do corpo do sujeito enquanto afetado por lalíngua. Neste trabalho apoiei-me sobre estes conceitos para tentar uma leitura possível da escritura leirissiana. Entretanto, é na radicalidade do escrito como *pas-à-lire* que reside o encontro entre a escritura lacaniana e leirissiana no terreno impróprio da escrita. A noção de um escrito como *pas-à-lire* demonstra a radicalidade do conceito de escrita e ao mesmo tempo lança-nos na questão da cifra indecifrável. A escritura leirissiana porta algo do escrito como *pas-à-lire*, uma vez que carrega consigo a modalidade própria e singular do modo como este sujeito goza de sua relação com a linguagem. O escrito como *pas-à-lire* marca um limite do sentido numa análise onde nada há mais para se decifrar e inclusive demonstra ao analista que a interpretação não é um deciframento, mas, contrariamente, interpretar é produzir uma cifra. Interpretar não é matar a charada, mas sim produzi-la. Procedimento análogo ao de Dupin no conto “A carta roubada”, que ao recuperar a carta que estava nas mãos do ministro a substitui por outra na qual reside um enigma para que o ministro a decifre.

Portanto, o recurso à escritura leirissiana atendeu neste trabalho a algumas aproximações com o objetivo de acompanhar a formulação de alguns conceitos da clínica lacaniana. Este trabalho não é nem exaustivo e muito menos conclusivo, é apenas um recorte. A obra de Michel Leiris é vasta e continua a nos desafiar. Os conceitos da clínica de Lacan são um verdadeiro *work in progress*, não estão acabados e/ou elucidados, são eles um ponto de causa, e a escritura lacaniana esta aí para que cada um ponha algo de si. Porém, este trabalho produz um resto que se apresenta em termos de pergunta: O terreno in-

certo da escrita, impróprio e ao mesmo tempo crucial, continuará sendo o território no qual a psicanálise pode progredir? Fica a pergunta e a tentação de respondê-la, empreendendo talvez um esboço de resposta num futuro trabalho no qual poderíamos contrastar o uso da letra e de lalíngua nas escritas joycianas e leirissianas. φ

THE WRITING OF MICHEL LEIRIS LIKE AN INTERROGATION ON THE FORMULATIONS OF THE LETTER IN JACQUES LACAN'S: WRITING AND "LALANGUE"

Abstract

The work written by Michel Leiris presents an important question on some concepts related to the Lacanian clinical practice. In this article, both the concept of "letter" and the notion of "lalangue" are approached from questions that were provoked by the writing of Leiris, which is composed of an intense word game that produces a deep disturbance in the language.

Keywords

Scripture – Writing – Letter – Lalangue – Enjoyment

Bibliografia

DERRIDA, Jacques (1966). Freud e a cena da escritura. In: *A escritura e a diferença*. 3. ed. Trad. Maria Beatriz Marques. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.179-224.

FREUD, Sigmund (1894). As Neuropsicoses de Defesa. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (ESB). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v.III, p 51-67.

FREUD, Sigmund (1895 a). Carta 52. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (ESB). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v.I, p.324-331.

FREUD, Sigmund (1895 b). Projeto para uma psicologia científica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*.

(ESB). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v.II, p.403-547.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire. Livre XXIII: Le sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

LACAN, Jacques (1972/1973). *O seminário: livro 20: mais, ainda*. 2. ed. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEIRIS, Michel (1939). *A idade viril*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Casac e Naify.

LEIRIS, Michel (1946). *Biffures*. Paris: Gallimard (L'Imaginaire).

LEIRIS, Michel (1980). *Entretien avec Michel Leiris*, par Catherine Maubon. Inédito.

MILLER, Jacques-Alain. *Pieces détachées*, 2004. Seminário inédito.

POE, Edgar Allan. A carta roubada. In: *Histórias extraordinárias*. Trad. Brenno Silveira e outros. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.203-224.

VIDAL, Eduardo. *Do ser do sujeito e do gozo*, 2004. Seminário inédito.

RECEBIDO EM 15/06/2007

APROVADO EM 27/06/2007

SOBRE O AUTOR

Marcelo Matta de Castro

Mestre em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da UFMG. Psicanalista. Membro do ALEPH-Escola de Psicanálise.

Endereço para correspondência:

Avenida do Contorno 4852/401 - Funcionários 30110-903 - BELO HORIZONTE - MG
E-mail: marcelomcastro@terra.com.br